

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
17 de dezembro de 2022

THE WINGS OF EAGLES / 1957

(*A Águia Voa ao Sol*)

um filme de John Ford

Realização: John Ford / **Argumento:** Frank Fenton e William Wister Haines, baseado na vida e nos textos do Comandante Frank W. Wead / **Fotografia:** Paul C. Vogel / **Direção Artística:** William A. Horning e Malcom Brown / **Décor:** Edwin B. Willis e Keogh Gleason / **Guarda-Roupa:** Walter Plunket / **Música:** Jeff Alexander / **Montagem:** Genne Ruggiero / **Interpretação:** John Wayne (Frank W. Wead), Maureen O'hara (Minnie Wead), Dan Dailey (Carson), Ward Bond (John Dodge), Ken Curtis (John Dale Price), Edmund Lowe (Almirante Moffett), Kenneth Tobey (Herbert Allen Hazard), James Todd (Jack Travis), Willis Bouchee (Barton), Dorothy Jordan (Rose Brentmann), Peter Ortiz (Tenente Charles Dexter), Dan Borzage (Pete), Jack Pennick (Joe), Evelyn Rudie (Doris Wead), Mimi Gibson (Lila Wead), Mae Marsh (a enfermeira), etc.

Produção: Charles Schenee para a Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** 35mm, cor, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 110 minutos / **Estreia Mundial:** 22 de Fevereiro de 1957 / **Estreia em Portugal:** 1 de Maio de 1958, no Monumental.

The Wings of Eagles é apresentado em "double bill" com **Cutter's Way**, de Ivan Passer ("folha" distribuída em separado).

Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Antes de entrar na breve análise do genial filme que vamos ver, convém recordar que **The Wings of Eagles** causou, à época, particulares engulhos, e não me refiro somente aos críticos, mas aos meios oficiais americanos. A sequência entre o senador Barton e "Spig" Wead durante a reunião do Comité do Congresso tem uma óbvia dupla leitura e não se refere apenas ao período histórico do filme. Wayne diz ao senador que estão a perder o poder naval e que "*some day we might lose something bigger than that*". E Barton responde-lhe falando dum "*country yelling 'pacifism' at us. Disarmament, tax reduction - no more wars - and the navy is going out of business*". Ora, em 57, os tempos eram da "doutrina Eisenhower" e da coexistência pacífica e, no ano anterior, o Congresso tinha reduzido sensivelmente o orçamento da marinha. Através de Wead, Ford lutava mais uma vez pela sua arma e pela sua dama, a dizer, com Wayne, que se estava, nos anos 50, como nos anos 30, a trair um dever, "*or we don't know what duty is*". O remoque à Casa Branca era claro.

Para lá deste aspecto (não tão anedótico como isso) **The Wings of Eagles** é um *biopic* de Frank "Spig" Wead, que, como o Capitão Brickley de **They Were Expendable** foi um personagem real e um grande amigo de Ford.

E, como **They Were Expendable**, **The Wings of Eagles** é, em primeira instância, uma obra de homenagem, e um gesto de amor, para com um homem que Ford profundamente

admirava e profundamente amara. A Bogdanovich disse: "*Ao princípio, não quis fazer o filme porque 'Spig' era um grande amigo meu. Mas também não me resignei à ideia que fosse outro qualquer a fazê-lo. Conheci-o quando ainda era um jovem cadete, de sapatos pretos, antes dele começar a voar. Nessa altura ainda não estava na marinha mas passava grande parte do meu tempo com ele e com outros oficiais. 'Spig' sempre esteve interessado em escrever e ajudei-o e encorajei-o como pude. Fizemos uma série de filmes juntos. 'Spig' morreu nos meus braços. Tentei contar a história com o máximo de verdade possível e tudo no filme é verdade. A luta no clube - com os bolos atirados - aconteceu realmente e fui testemunha dela com os meus olhos. Também a queda na piscina é rigorosamente verdadeira. O avião aterrou de facto na piscina - e no meio do chá do almirante. Só o título é que sempre me pareceu estúpido e não me consolo com ele. A minha ideia era chamar ao filme 'The Spig Wead Story' mas a Metro objectou que 'Spig' era um nome que se prestava ao ridículo e que as pessoas se iriam interrogar sobre quem era 'Spig' Wead*".

Notemos, acentuando esta declaração, que o almirante "Spig" Wead, após o seu acidente, se dedicou de facto ao cinema e foi argumentista de vários filmes: dois de Ford (**Air Mail** de 32 e **They Were Expendable** de 1945) além de clássicos como **Dirigible** (Frank Capra, 1932) e **Ceiling Zero** (Howard Hanks, 1936). Isso deu origem a uma incursão, única na obra de Ford, no *film on film*, com a visão de vários excertos dessas obras, bem como de excertos da admirável série de documentários que Ford realizou durante a guerra (as fabulosas sequências dos *overlights* e das batalhas aéreas). Além disso, o próprio Ford interveio no filme, por indirecta pessoa. Ao seu actor preferido, Ward Bond, confiou um papel que em grande parte é o próprio Ford, vestido e caracterizado como ele (cachimbo, os óculos escuros) e rodeado dos oscars que o próprio Ford tinha ganho. Quando Bond Diz: "*Não quero uma história sobre barcos e aviões, mas sobre os homens que andaram neles, sobre o modo como pensavam e falavam*", está a citar palavras do próprio Ford, reproduzidas *sic* na típica frase "*I want it from a pen dipped in salt water, not dry Martinis*".

E não deixa de ser uma surpreendente coincidência que este seja (aparte uma obra posterior para a televisão) o último filme de Ward Bond para Ford. O assombroso actor, desde **Salute** (1929) entrou em dezenas de obras de Ford e fez para ele dezenas de papéis, sai do mundo fordiano, identificando-se com o seu realizador, **representando-o**.

Se me demorei tanto neste aspecto, foi para sublinhar o empenhamento pessoal de Ford neste filme, um dos seus favoritos, uma das suas obras mais autobiográficas. Mas, passando para além desses aspectos, podemos voltar à semelhança entre o percurso de "Spig" Wead e o de Ethan Edwards em **The Searchers**, papéis não por acaso confiados ao emblemático John Wayne.

E o que é mais extraordinário neste filme, é como os próprios episódios biográficos servem essa intenção profunda: o sofrimento físico de "Spig" traduz o seu sofrimento moral. Esse pioneiro da aviação e da marinha, que nas assombrosas sequências iniciais vemos no máximo de acção e de proezas físicas, é também o homem paralisado, para sempre ligado a esse momento antológico do cinema de Ford que é o repetido plano da sua imobilidade no hospital e as sequências em que Dan Dailey e Wayne vencem o que os médicos consideravam irremediável com a fabulosa cantilena: "I'm going to move that toe". O tempo dessa obsessiva canção, a tensão física de Wayne (as suas costas nuas) e a portentosa elipse, quando finalmente Wayne mexe os dedos do pé (dada pelo olhar de Dailey) são momentos inadjectiváveis de uma arte levada ao seu ponto máximo. E, para falar em pontos máximos, pessoalmente estou inclinado em crer que a morte de Wayne no final (literalmente uma ascensão ao céu, em corpo e alma) é o mais belo momento do cinema de Ford e uma das coisas mais admiráveis alguma vez vistas nesta arte. É, de facto, preciso ser-se muito grande para conseguir tal coisa sem cair no ridículo e impondo uma tão única comoção (repare-se no recuo da câmara e no longo *plongé* sobre a cadeira, ponto perdido no espaço

entre os dois navios, onde sabemos estar o corpo do herói). Diria ainda que, pela primeira vez, não se faz um *travelling*, mas a câmara filma o *travelling*, no sentido mais absoluto do termo.

Citámos dois momentos máximos: mas que dizer da constante transição entre a comédia e o drama, sem que haja alguma vez ruptura, tudo fluindo naturalmente das cenas mais impagáveis (as lutas e os bolos, o voo de Wayne inicial) às sequências mais trágicas? Que dizer do modo como é tratada a relação entre John Wayne e Maureen O'Hara, "traída" não por outra mulher mas pelas amantes permanentes de Wayne que são os barcos e os aviões (repare-se, por exemplo, na fabulosa sequência em que Maureen O'Hara volta a casa, com uns copos a mais e de cigarro na boca, antes da queda de Wayne)? Que dizer da espantosa relação de amor entre Wayne e Dailey, com o *clímax*, para além da sequência já citada, no olhar do último sobre o primeiro no final do filme? Que dizer do desdobramento do plano, quando Dailey coloca em frente de Wayne o espelho que lhe permite ver os pés? Ou, mais adiante, na fabulosa iluminação nocturna de Wayne, pouco antes de mexer os pés, ouvindo o toque da alvorada? Ou, finalmente (e longe de esgotar as coisas inadjectiváveis) na última visita de Wayne a Maureen, antes de Pearl Harbour, quando aquele homem sem família possível a não ser a *beautiful lady* que é o navio, diz à mulher que "*fora da família, não há nada*"?

E é impossível, voltando a falar de actores, esquecer que este é também o último filme de Maureen O'Hara para Ford e o terceiro do seu par com Wayne. Como em **Rio Grande** é "traída"; como em **The Quiet Man** continuam as zaragatas entre os dois. Só que em **The Wings of Eagles** não há regresso ao passado, nem há *happy end*. Há só a memória dum retrato ("*good morning Miss America*") e aquele incrível diálogo no hospital, sem troca de olhares possível, com a voz que sai do corpo de Wayne a dizer: "*Take your turn. I take mine. You're just through*". E todos os telefonemas se interrompem.

The Wings of Eagles é sobretudo um filme sobre a solidão. Talvez o mais belo filme sobre a solidão, de que me lembro. A máxima comoção. O único filme de Ford construído sobre o cinema é o único que, no momento capital, elide o olhar.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico